

EDUCAÇÃO DO CAMPO: VALORIZAÇÃO ATRAVÉS DA LÍNGUA.

Silmara Aparecida Ponciano 1

Mauricio Vitória Fagundes 2

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de suscitar reflexões acerca da educação no campo, começando por um breve histórico da mesma e finalizando com a valorização do aluno camponês através do estudo da variedade linguística. Reconhecendo a importância do falar camponês e resgatando sua importância dentro da Língua Portuguesa. Levando em conta que a variação linguística é um tema bastante complexo, uma vez que envolve questões de identidade, estigma, discriminação, preconceito, norma, prestígio social e muitos outros. Temas esses que quando não são abordados de uma forma adequada, em vez de promover a conscientização e o avanço da cidadania podem gerar preconceitos e constrangimentos. Isto significa que a escola conheça, respeite e trabalhe as variedades linguísticas de prestígio e também as variedades usadas pelos alunos no seu dia a dia. Como professora de português, percebi que essa seria a melhor forma de unir os aprendizados do curso Educação do Campo com minha prática pedagógica. Pois, a variação linguística esteve ausente na proposta pedagógica de Língua portuguesa por muito tempo. E os alunos que falavam um português de forma deficiente falavam “errado” e na tentativa de “consertá-lo” tentou-se aproximar a fala do aluno da norma culta, ignorando o uso linguístico. Em consequência disso houve uma desvalorização do falar do campo e os alunos passaram a ter vergonha dessa variação linguística. O trabalho foi realizado na escola da zona rural Escola Estadual “Capela São João” que fica no município de Tomazina e envolveu alunos das 6ª, 7ª, 8ª séries do Ensino Fundamental. Para tanto, tomei por base estudos fundamentados na sociolinguística variacionista, sobretudo por BAGNO (1999, 2004) BORTONI (2001, 2004), entre outros.

Palavras chaves: Educação do campo. Diversidade. Variedades linguísticas.

1- Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Jacarezinho, e-mail: silmaraponciano@hotmail.com

2- Educador Orientador, UFPR - Setor Litoral

INTRODUÇÃO

Quando falamos em educação do campo, é pertinente ressaltar que a concepção de educação que vem sendo empregada pela cultura dominante, não tem contribuído para combater o analfabetismo de forma efetiva e elevar a escolaridade dos sujeitos, sua cultura e seu padrão de vida. Os investimentos das políticas públicas são precários e acabam ocasionando um acesso tardio e insuficiente à escola.

No campo historicamente foi inovado maquinário, uso de insumos que acarretaram aumento na produção, etc. Mas, os que usufruem desses avanços são pequenos grupos.

Por isso, se faz necessário refletir sobre essa desigualdade sofrida pelos povos do campo. Desigualdades econômicas, sociais e a mais importante para nós as desigualdades educativas, escolares. (ARROYO: 2006)

Paulo Freire, grande educador que sempre fazia uma crítica à educação escolar tradicional e denunciava o foco do ensino na transmissão de conteúdos alheios à realidade dos educandos, porque proporcionavam uma formação alienante. Apontava outra perspectiva de educação destinada às classes populares. Perspectiva essa que tivesse como primado a formação de uma leitura

crítica e engajada da realidade social que contribuísse para a organização dos setores oprimidos e apontasse para a transformação da realidade de opressão vivida pelos indivíduos, que contribuísse para a emancipação e os tornassem sujeitos de sua história e construtores de uma nova sociedade.

Para Freire (2004): "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela". Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica as relações entre o texto e o contexto.

A realidade pensada por Freire dentro de uma perspectiva marxista se refere ao mundo sensível, à atividade sensível humana, à práxis. Marx entendia a vida social como essencialmente prática, que envolve o conjunto das atividades humanas que visam a buscar o desenvolvimento das condições indispensáveis à existência humana e da sociedade, especialmente a produção material, na qual se destaca o trabalho como atividade humana indispensável à reprodução da vida.

O conceito de experiência colocado e discutido nos remete a ideia de THOMPSON onde descreve que a vida é sempre uma experiência a ser vivida:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias (sic), no âmbito do pensamento, de seus procedimentos, ou [...] como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, Nas reciprocidades, como valores ou [...] na arte ou nas convicções religiosas. (1981, p. 189)

De acordo ainda com THOMPSON, os valores:

Não são pensados, nem chamados; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas idéias (sic). São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas [...] no habitus (sic) de viver; e aprendidas, em primeiro lugar,

na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria. (1981, p. 194)

No Estado do Paraná, embora experiências de Educação do Campo e iniciativas governamentais na área tenham expressividade, a realidade escolar é marcada por influências ideológicas da Educação Rural e da Educação do Campo.

Diante da complexa situação da Educação do Campo, sabendo que a mesma foi advinda da necessidade do progresso, após o período da ditadura militar. E que ao longo da história, as escolas do campo sempre foram tratadas com políticas compensatórias: projetos e programas que muitas vezes não tinham continuidade.

Do lado do paradigma da Educação Rural ou do Campo existem os cadernos, folhetos e projetos que chegam às escolas, a exemplo do projeto Agrinho.

O Programa Agrinho teve seu início em 1995 quando foi desenvolvida a proposta pedagógica que tinha por essência os “temas transversais” e o primeiro material para alunos de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental (...). Em 1996, iniciou-se a implantação do programa de forma piloto em cinco municípios paranaenses. No ano seguinte, com base na elevada receptividade e participação da comunidade escolar, buscou-se agregar à temática inicial dos agrotóxicos outros temas relativos à questão da saúde. Em 1998 ampliaram-se e aprofundaram-se as temáticas relativas ao Meio Ambiente (solo, biodiversidade, água e clima) e foi incluído o tema Cidadania, que incorporou as temáticas relativas a Trabalho e Consumo, Temas Locais e Civismo. Nova modificação fez-se necessária quando o governo estadual iniciou a implantação do processo de nuclearização das escolas, fator determinante para que o Programa AGRINHO passasse a trabalhar com crianças e jovens do meio urbano. Em meados de 2002, o Programa passa por mais uma ampliação para contemplar outros temas que se faziam igualmente Prioritários: Meio Ambiente, Saúde, Cidadania e Trabalho e Consumo. Novos materiais são desenvolvidos, desta vez para alunos e professores (...). Em 2006, quando o Programa completou 10

anos, realizou-se uma ampla avaliação e com base nesta, todo o programa foi repensado e a proposta foi acrescida de novos temas e materiais. Em 2007, o Programa completa 12 anos de trabalhos no Paraná, o material do aluno recebe outra estruturação, passando a ser organizado por série e não mais por temas, e o material do professor é composto por dois livros. O público é ampliado, além das escolas da rede pública de ensino, (...) a rede particular de ensino, tendo a proposta pedagógica baseada na interdisciplinaridade e na pedagogia da pesquisa. (Disponível em <http://www.agrinho.com.br>. Acesso em 4/3/2011),

Portanto, compreender a Educação do Campo nos faz levar em conta os dados e os elementos de uma determinada realidade são necessários compreendê-la em sua temporalidade e em sua espacialidade na qual a comunidade está inserida. Para desvelar os determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais que condicionam os modos de vida de um povo, num dado momento os trabalhadores desenvolvem seus saberes específicos que envolvem o cultivo, a semeadura da terra, a colheita.

Nessas atividades são mobilizados seus conhecimentos sobre a natureza e seus ciclos, advindos do exercício do olhar, da leitura dos indícios que ela lhes apresenta para interpretar os sinais da natureza essenciais para o manejo com a terra destinada à plantação, à criação de animais que são os meios essenciais à vida dos/as assentados/as.

Nessas atividades essenciais à reprodução da vida material os/as camponês/as estabelecem relações com a natureza e com outros homens e mulheres, produzem cultura, representações a cerca da vida.

“Numa passagem do filme Alice no País das Maravilhas, num determinado momento quando Alice se encontra numa encruzilhada, o coelho fica a observá-la, e ela com tantos caminhos a sua frente, confusa, resolve pedir ajuda ao coelho e pergunta: Para qual caminho devo seguir? O coelho por sua vez, retorna a pergunta: Aonde você quer chegar? A menina então

responde: Ah, em qualquer lugar, então o coelho diz: segue qualquer caminho, pois para quem não sabe onde quer chegar, qualquer caminho serve”.(COELHO, 2000).

Por isso, a importância de se fazer o diagnóstico da classe com a qual vai desenvolver a experiência. Para que o trabalho não fique enfadonho e para identificar as dificuldades e planejar atividades e estratégias a serem propostas.

ROCHA em seu artigo nos traz essa preocupação:

Quando realizamos algum tipo de diagnóstico da realidade, ele nos possibilita também:

- Ter mais propriedade para falar sobre o que conhecemos;
- Ter mais clareza para onde queremos e onde queremos chegar;
- Ter mais compromisso, pois aprendemos com a ação, vendo de perto a situação e não com alguém dizendo como é ou como não é.
- Que por mais que nos esforcemos vamos conhecendo a realidade aos poucos, é um processo, são aproximações sucessivas e cumulativas. (2011, p.2)

Fazer diagnóstico do conhecimento prévio é o principal instrumento educativo, no qual as percepções são afloradas, fortalecendo a capacidade de criar e a buscar alternativas por parte dos grupos envolvidos professor e alunos (as), para que de fato possam-se vencer os obstáculos e superar os desafios.

Como o Brasil é plurilinguista, a pedagogia da leitura e escrita deve ser entendida como pedagogia da diversidade do conflito de interpretações contra a uniformização e o conformismo. Uma pedagogia que mostra ao leitor a profunda variedade linguística, a diversidade de compreensão do texto, através dele.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Ao discutir, nesse artigo o grande problema dos camponeses ou alunos do campo tem que se levar em conta a falta de valorização pessoal que carregam a baixa autoestima e como nós professores de Língua Portuguesa podemos e devemos ajudar a superar, valorizando suas produções e a qualidade de vida que possuem no campo. Como professora que atuo em uma escola estadual do campo e convivo diariamente com esses problemas, resolvi abordá-los em atividades de leituras, produção e interpretação de texto, leitura de imagens, através do personagem Chico Bento de Mauricio de Souza.

Para que os alunos entendam a importância dos “falares” diferente de uma forma lúdica, engraçada. Mas, ao mesmo tempo, responsável. Entendemos que a variação linguística não pode ficar à margem do ensino de línguas por concordamos que a heterogeneidade linguística em um país como o Brasil é um fato natural e inevitável, pois faz parte da natureza da linguagem e é resultado da diversidade de grupos sociais e da relação que tais grupos mantêm com as normas linguísticas. (LDB, 1978)

Como D’OLIVEIRA nos alertar que devesse levar em conta que:

Através de uma linguagem interativa e feita para todas as idades, os gibis do Chico Bento retratam a história do inocente menino do campo, que fala “errado” (de acordo com a Gramática Normativa), tem amigos na roça em que vive para uma melhor caracterização do personagem (espaço/campo), e um primo para caracterizar as diferenças entre campo/cidade. Chico Bento, morador de Vila Abobrinha, é um personagem fictício, construído a partir da biografia de Mauricio de Sousa, que o espelhou em um tio-avô. Não somente Chico, mas sua Vó (Vó Dita) também faz parte dessa biografia do autor, uma vez que essa lhe contava várias histórias que por ele foram publicadas. A linguagem, utilizada nas histórias, mostra que o protagonista

é o típico caipira do interior, mas com trejeitos de 40 anos atrás. (apud. reginapironatto.blogspot.com, 2008)

A intenção ao escolher esse personagem foi o de confrontar a fala do Chico Bento que usa uma variedade de língua popular com o português que os alunos aprendem na escola e com suas próprias falas, já que eles procedem da zona rural ao redor da Escola Estadual Capela São João, localizada no Bairro da Barra Mansa, no município de Tomazina, NRE de Ibaiti.

Ainda citando D'OLIVEIRA:

A visão de caipira, como o menino que mora na roça, fala errado, anda descalço, conversa com os animais e gosta da natureza, é como se fosse uma comparação que o autor faz embasado em determinado período da História para os dias atuais. O primo (sem nome) de Chico mostra claramente tais diferenças, pois mora na capital/cidade grande, tem acesso a brinquedos modernos, a computador, fala certo de acordo com a típica figura do cidadão paulistano. Já Chico Bento tem apenas pontos positivos quando está em comparação com o primo. Tais diferenças entre eles podem ser percebidas pelo leitor, não só através do texto, mas também através das imagens. Ou seja, há toda uma semiótica textual alertando o leitor para as diferenças propostas. (apud. reginapironatto.blogspot.com, 2008)

Através do personagem que é bem engajado em questões ambientais e mostrando as diferenças entre ele e seu primo um morador da cidade meio alienado com os problemas ambientais aproveitei para trazer para a sala de aula o tema Meio Ambiente.

D' OLIVEIRA continua orientando que apesar do personagem ter sua criação já bem antiga ele é atual:

Criado em 1961, mas tendo sua primeira Revista lançada apenas em 1982, a Turma da Roça traz histórias passadas num ambiente pacato do interior,

que acaba fazendo com que seus leitores (crianças) tenham um pré-conceito a respeito da criança do interior. O gibi retrata o paulista (cidade provável - Taubaté-SP), em que um possível contraste com o personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato pode ser enfatizado. Mas também não podemos deixar de fazer alusão aqui ao ilustre Macunaíma, personagem satírico importante de nossa Literatura. Os personagens, além de serem simples, falarem “errado” e não terem as mesmas noções que uma pessoa da capital (visão política) possam ter são essenciais para a ilustração da História do Brasil, já que vivem da colheita, o que acaba retratando, de um modo-geral, todo um grupo de indivíduos de mão-de-obra barata encontrada por todo país. Além do que dissemos, Maurício de Sousa retrata neste personagem, não somente o menino ingênuo do campo, como chama a atenção para as diferenças dialetais encontradas na cultura brasileira que são quase sempre, dignas de preconceitos. Com o uso de uma linguagem divertida e simples, carregada de imagens e alusões, e visando a igualdade entre as pessoas, Chico Bento é a figura da inocência que falta à sociedade atual. Tal inocência, entretanto, pode se transformar quando as crianças o leem e descobrem que podem construir um novo mundo, com pessoas no mínimo diferentes. (apud. reginapironatto.blogspot.com , 2008)

O personagem também foi utilizado para falar sobre questões sociais e econômicas do Brasil, pois através de suas histórias podemos focar problemas com a reforma agrária, êxodo rural, saúde sanitária.

Por vivenciar esses problemas, na primeira semana de março de 2011, levei para a sala de aula da 7ª série diversos exemplares do CHICO BENTO, para que os alunos se familiarizassem com a revista e o modo de vida do personagem, sua forma peculiar de linguagem tanto na fala como na escrita, as dificuldades na escola, suas brincadeiras, trabalho, amigos, etc...

Na semana seguinte comecei distribuindo para os alunos uma das histórias de Chico Bento, cujo tema era "O Bicho Perigoso", na história, cada aluno deveria fazer uma redação escrevendo qual seria o bicho mais perigoso do Brasil.

Maurício de Souza com toda sua criatividade transforma a redação de Chico Bento em uma historinha rica em recursos pedagógicos que perpassam pelos temas relacionados à diversidade, fazendo com que o leitor pare para pensar em suas atitudes com relação aos animais e com relação à natureza da qual fazemos parte.

CONSIDERAÇÕES

A metodologia aplicada foi leitura da historinha em quadrinhos, interpretação da mesma, com questionamentos onde cada aluno daria sua opinião sobre o tema.

Em outra aula, foi questionado com os alunos, qual seria o bicho que mais o provocava medo através de resolução de perguntas, que levaria cada um a repensar as atitudes do ser humano com respeito à natureza que ele destrói em vez de preservar.

Apresentei aos alunos a redação do Chico escrita com todos os seus “erros”, nesse momento eles questionaram o porquê do menino, ter tirado dez apesar de tantos “erros” de português.

Aproveitei para discutirmos o valor do conteúdo do texto, se o objetivo proposto pela professora tinha sido alcançado, se o menino convenceu a professora de que estava certo, se ele apresentou argumentos para que todos concordassem com ele?

Após explanação e conversação sobre o conteúdo comecei a trabalhar a forma, expliquei que tudo aquilo que eles tinham entendido como “erro” de ortografia na verdade é uma variação linguística que deve ser valorizada, observei também que a norma padrão é a que devemos aprender e utilizá-la, mas que não devemos desconsiderar esses “falares”, que estão investidos de sabedoria,

história. A linguagem de Chico Bento não deve ser entendida como um "erro", mas uma adequação às circunstância de uso. (BRASIL, 1998).

Há duas línguas no Brasil: uma que se escreve (e que recebe o nome de português): e a outra que se fala (e que é tão desprezada que nem tem nome). E é esta última que é a língua materna dos brasileiros; a outra (o português) tem de ser aprendida na escola, e a maior parte da população nunca chega a dominá-la adequadamente. (PERINI 2001)

Após todos darem suas opiniões oralmente, distribui a redação escrita, por Chico, e pedi que eles fossem reescrevendo o texto na norma culta. Dei o tempo necessário para que eles fizessem o exercício, depois projetei a mesma na TV PENDRIVE, e juntos comparamos os dois textos, todos puderam participar, comprovando que a história na variedade linguística utilizada por Chico Bento ficou muito mais engraçada e interessante.

Inspirando-se no personagem Chico Bento fui mostrando que toda pessoa desde o primeiro ano de vida aprende a língua materna e ao ingressar na escola, já possui uma bagagem cultural, uma vivência, uma competência linguística. Deste modo, ele já sabe sua variante etária, a sua variante local e regional. Na escola ela dará continuidade a sua visão de mundo. (CHAGAS, 2011)

O professor não deve então levar o aluno a empregar a norma culta? Naturalmente que deve. O que não podemos fazer é coibir totalmente a possibilidade de interação que é a condição do exercício da linguagem. Devemos apresentar a norma padrão como uma alternativa de linguagem, mas não a única que poderá se manifestar.

Junto com toda essa atividade fui apresentando todas as vantagens de se morar no campo, pois como Chico mesmo diz "o Homem é o bicho mais perigoso do Brasil", o espaço rural faz com que as pessoas se unam se conheçam se ajudem e cuidem uns dos outros. A bondade e a inocência são qualidades que se pode observar entre eles, a camaradagem e o respeito são o que os faz diferentes e especiais.

Mostrando que o que eles têm de experiência de vida ninguém vai tirar deles, os conhecimentos adquiridos com a observação dentro do ambiente familiar são riquezas que vão levar encravados dentro de si à vida inteira e farão deles motivo de orgulho e de ensinamento no futuro.

Desta forma, haverá uma valorização cultural brasileira, seus modos e seus usos, a partir da realidade do aluno de maneira a estabelecer uma melhor identificação espaço-temporal-existencial, isto é, a escola para Chico Bento e outros a quem representa, jamais, poderá alhear-se das condições sócio-culturais-econômicas deles, de suas famílias e de seus vizinhos. O respeito à dignidade, não permite subestimar ou zombar do saber que trazem consigo para a escola. Valorizar a variedade linguística dos alunos camponeses e uma forma de estabelecer com eles um elo de integração e solidariedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M.G; CALDART, R.S; MOLINA, M.C (Org.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª Edição, 2006.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é? Como se faz?** 7ª. Edição, São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, M. **Por uma sociolinguística Militante**. In: BORTONI e RICARDO. S. M. **Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI R. S.M. **Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução. 2ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

COELHO, N.N. **Literatura Infantil**. Editora Moderna: São Paulo, 2000.

D'OLIVEIRA G. F. Tese da Doutoranda - Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

MINA. S.R. N. **CHICO BENTO: das histórias em quadrinhos para a vida** - UFMS, 2008.

MOURA & FARACO, **Literatura Brasileira**. Editora Ática: 10ª edição - São Paulo, 2000.

PARANÁ, Secretária de Estado da Educação. Superintendência da Educação, Departamento de Ensino Fundamental. Cadernos Temáticos: Educação do Campo, Curitiba: SEED-PR, 2005. - 72vp.

PERINI, M.A. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 2001.

THOMPSON. E.P. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____ **A Miséria da Teoria**. Editora Paz e Terra 1981

_____ A Miséria da Teoria ou Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltelsir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar , 1981 .

SITE:

<http://diaadiaeducacao.pr.gov.br> Diretrizes Curriculares da rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Educação do Campo – SEED-PR – 2010. Acessado em 02 de março de 2011.

<http://reginapironatto.blogspot.com/2008/04/chico-bento-das-histrias-em-quadrinhos.html> Análise da revista de Chico Bento de Maurício de Souza, acessado em 04 de março de 2011

<http://www.turmadamonica.com.br/> Site da Turma da Mônica- Material de Pesquisa da Biblioteca Maurício de Sousa-SP- Exemplar do Chico Bento nº 242, Editora Globo: Maurício de Sousa, 2004.

[http://www.contag.org.br/imagens/f297Diagnostico%20 na %20Educacao%20do%200Campo.pdf](http://www.contag.org.br/imagens/f297Diagnostico%20na%20Educacao%20do%20Campo.pdf) ROCHA, Eliene Novais. A importância do diagnóstico na construção do conhecimento voltado para a Educação do Campo, p. 2. Acessado em 02 de março de 2011.

<http://www.filologia.org.br/soletras/14/03.htm> CHAGAS,C.E. A língua A leitura e a escrita como elo integrador. Acessado em 26 de abril de 2011.

ANEXOS FOTOS



Professora Silmara Aparecida Ponciano.



Alunos 6ª série trabalhando



Alunos 7ª série trabalhando